

Lucimara Glap
(Organizadora)

Desafios

DA

Educação

NA

CONTEMPORANEIDADE

3



AYA EDITORA
2021

Direção Editorial

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

Executiva de Negócios

Ana Lucia Ribeiro Soares

Organizadora

Prof.ª Ma. Lucimara Glap

Produção Editorial

AYA Editora

Capa

AYA Editora

Imagens de Capa

br.freepik.com

Revisão

Os Autores

Área do Conhecimento

Ciências Humanas

Conselho Editorial

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza
Centro Universitário Santa Amélia
Prof.ª Dr.ª Andreia Antunes da Luz
Faculdade Sagrada Família
Prof.º Dr. Carlos López Noriega
Universidade São Judas Tadeu e Lab.
Biomecatrônica - Poli - USP
Prof.º Me. Clécio Danilo Dias da Silva
Centro Universitário FACEX
Prof.ª Dr.ª Daiane Maria De Genaro Chirolí
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis
Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof.ª Dr.ª Eliana Leal Ferreira Hellvig
Universidade Federal do Paraná
Prof.º Dr. Gilberto Zammar
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso
Universidade de Santa Cruz do Sul
Prof.ª Ma. Jaqueline Fonseca Rodrigues
Faculdade Sagrada Família
Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof.º Me. Jorge Soistak
Faculdade Sagrada Família
Prof.º Me. José Henrique de Goes
Centro Universitário Santa Amélia
Prof.ª Dr.ª Leozenir Mendes Betim
Faculdade Sagrada Família e Centro de
Ensino Superior dos Campos Gerais
Prof.ª Ma. Lucimara Glap
Faculdade Santana

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Prof.º Me. Luiz Henrique Domingues
Universidade Norte do Paraná
Prof.º Dr. Marcos Pereira dos Santos
Faculdade Rachel de Queiroz
Prof.º Me. Myller Augusto Santos Gomes
Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof.ª Dr.ª Pauline Balabuch
Faculdade Sagrada Família
Prof.º Me. Pedro Fauth Manhães Miranda
Centro Universitário Santa Amélia
Prof.ª Dr.ª Regina Negri Pagani
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof.º Dr. Ricardo dos Santos Pereira
Instituto Federal do Acre
Prof.ª Ma. Rosângela de França Bail
Centro de Ensino Superior dos Campos
Gerais
Prof.º Dr. Rudy de Barros Ahrens
Faculdade Sagrada Família
Prof.º Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares
Universidade Federal do Piauí
Prof.ª Ma. Sílvia Apª Medeiros Rodrigues
Faculdade Sagrada Família
Prof.ª Dr.ª Sílvia Gaia
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof.ª Dr.ª Sueli de Fátima de Oliveira Miranda
Santos
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof.ª Dr.ª Thaisa Rodrigues
Instituto Federal de Santa Catarina

© 2021 - **AYA Editora** - O conteúdo deste Livro foi enviado pelos autores para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição Creative Commons 4.0 Internacional (**CC BY 4.0**). As ilustrações e demais informações contidas desta obra são integralmente de responsabilidade de seus autores.

D4415 Desafios da educação na contemporaneidade 3. / Lucimara Glap
(organizadora) -- Ponta Grossa: Aya, 2021. 250 p. – ISBN 978-65-88580-47-9

Inclui biografia
Inclui índice
Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.
Modo de acesso: World Wide Web.
DOI 10.47573/aya.88580.2.34

1. Educação. 2. Educação inclusiva. 3. Ensino à distância. 4.
Tecnologia educacional. 5. Letramento. 6. Alfabetização I. Glap, Lucimara. II.
Título

CDD: 370.7

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

**International Scientific Journals Publicações
de Periódicos e Editora EIRELI
AYA Editora©**

CNPJ: 36.140.631/0001-53
Fone: +55 42 3086-3131
E-mail: contato@ayaeditora.com.br
Site: <https://ayaeditora.com.br>
Endereço: Rua João Rabello Coutinho, 557
Ponta Grossa - Paraná - Brasil
84.071-150

SUMÁRIO

Apresentação 10

01

Gênero, multiculturalismo e educação 12

Edilson Damasceno

Eliane Anselmo da Silva

DOI: 10.47573/aya.88580.2.34.1

02

A construção de valores na instituição escolar Brasileira 28

Elizabeth Maria da Penha Gama

DOI: 10.47573/aya.88580.2.34.2

03

A Construção Social da Infância na Ótica dos Pensadores da Educação 42

Paulo Marcos Ferreira Andrade

Solange de Fatima Oliveira

Iolanda Silva Oliveira

Edinei Ferreira da Silva Andrade

DOI: 10.47573/aya.88580.2.34.3

04

África, afrodescendência e educação: reflexão sobre a implementação e aplicabilidade da lei n° 10.639/03 ... 50

Wellington Rodrigues dos Reis Edmundo

DOI: 10.47573/aya.88580.2.34.4

05

Educação para a justiça: conscientização dos direitos e deveres básicos do cidadão 59

Leonardo Augusto de Oliveira Rangel

DOI: 10.47573/aya.88580.2.34.5

06

Perspectivas sobre o uso da linguagem visuoespacial e a visualização do conhecimento na EaD para pessoas surdas 74

Tarcisio Vanzin

Nanci Cecilia de Oliveira Veras

DOI: 10.47573/aya.88580.2.34.6

07

Educação para a diversidade: psicopedagogia e inclusão de pessoas trans no ensino superior..... 84

Gabriela Gomes Freitas Benigno

Carlos Diogo Mendonça da Silva

Sônia Maria Soares de Oliveira

DOI: 10.47573/aya.88580.2.34.7

08

Ensino público no contexto da pandemia covid-19..... 108

Edileusa Camargo da Silva

Gina Denisa Pancera

Michelle Camila da Silva

Olga da Silva Serrano

Rosimeire de Freitas Silva

DOI: 10.47573/aya.88580.2.34.8

09

Lugar de discussão é na sala de aula: reflexões sobre a prática da argumentação no desenvolvimento do pensamento crítico 112

Rosita Maria Bastos dos Santos

DOI: 10.47573/aya.88580.2.34.9

10

Abordagem crítica acerca da práxis docente para educação ambiental face as diretrizes curriculares nacionais..... 125

Maísa Pereira Gonçalves

DOI: 10.47573/aya.88580.2.34.10

11

Oficina de discussão sobre educação sexual, uma estratégia de prevenção das infecções sexual transmissíveis entre os jovens..... 135

Matheus Fernandes de Souza

DOI: 10.47573/aya.88580.2.34.11

12

A fusão do alfabetismo e letramento e sua importância no processo de ensino 149

Giovana Santana Ribeiro

Ivani Regina Rodrigues

Marilda Marchi da Silva Teixeira

Monica Regina Ferraz do Nascimento

Reginalda Ferreira Louro Cardoso

Sandra Marisa Rodrigues de Camargo

Sidinei Alves

Silvana Soares Guizolfi Vieira

DOI: 10.47573/aya.88580.2.34.12

13

Caracterizando a figura do professor dinamizador de artes na educação infantil: o caso de Vitória – capital do estado do Espírito Santo 155

Frankues Giovani Loreto

DOI: 10.47573/aya.88580.2.34.13

14

Educação inclusiva: alunos portadores de síndrome de Down..... 163

Alexandra Rodrigues de Arruda

Aline Terezinha Dias Moraes

Kelly Franco Henkes

Luciana Pereira Franco

Márcia Maria de Barros

Márcia Pereira de Souza

Regiane Diniz Espinosa de Almeida

Viviane Ribeiro dos Santos

DOI: 10.47573/aya.88580.2.34.14

15

Marco metodológico: pesquisa em escola, aspectos teóricos e práticos a fim de compreender as relações de aprendizado do aluno com surdez..... 169

Jefferson Aristiano Vargas

DOI: 10.47573/aya.88580.2.34.15

16

Uso das novas tecnologias no ensino: inteligência artificial 182

Leonardo Rodrigo Siqueira da Fonseca

DOI: 10.47573/aya.88580.2.34.16

17

Compondo uma história: um prelúdio acerca do ensino de piano no Brasil 195

Fernanda Morales dos Santos Rios

Josiane dos Santos Silva

Jackeline Barcellos Teixeira Nascimento

DOI: 10.47573/aya.88580.2.34.17

18

A formação inicial do Pedagogo, na modalidade a distância, no espaço hospitalar: uma revisão sistemática sob a ótica do Methodi Ordinatio 204

Lucimara Glap

Antonio Carlos Frasson

DOI: 10.47573/aya.88580.2.34.18

19

Aspectos teóricos sobre as contribuições da atividade experimental para o ensino e aprendizagem da matemática 215

Janaina de Nazaré Borges Freitas

Valéria Castelo Branco de Sousa

Edenil Quaresma Souza

Marcelo Robson Sousa Pereira

Daniel Melo da Silva Junior

Nayara França Alves

DOI: 10.47573/aya.88580.2.34.19

20

Vivência musical dos pedagogos nas creches e pré-escolas 228

Vânia Bolba Cardoso

Rogério Alves Gomes

DOI: 10.47573/aya.88580.2.34.20

21

Educação: evasão escolar 241

Elaine Aparecida Saraiva Batista

DOI: 10.47573/aya.88580.2.34.21

Organizadora 243

Índice Remissivo 244

Apresentação

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.”

Paulo Freire

Apresentar um livro é sempre uma alegria e ao mesmo tempo um desafio que se apresenta, principalmente por nele conter tanto de cada autor, de cada pesquisa, suas aspirações, suas expectativas, seus achados e o mais importante de tudo a disseminação do conhecimento produzido cientificamente.

Deste modo, não poderia deixar de escolher uma epígrafe que melhor viesse ao encontro com o que se propõe o volume 3 da Coletânea **“Desafios da Educação na Contemporaneidade”**, pois o ensinar e aprender estão presentes cotidianamente na vida de cada pesquisador aqui presente.

Este volume traz vinte e um (21) capítulos com as mais diversas temáticas e discussões, as quais comprovam mais uma vez a necessidade de repensarmos os espaços destinados à disseminação do conhecimento. Sejam eles representados pela discussão presente nas produções científicas sobre o viés do trabalho pedagógico; sobre a educação inclusiva; questões de gênero e multiculturalismo; questionamentos sobre quais valores constroem-se na escola brasileira; a importância da construção da infância sem perdermos de vista a teoria alicerçada pelos ilustres pensadores da nossa educação brasileira; questões de discussão, que ainda em pleno século XXI se fazem necessárias, sobre a lei 10.639/03 (afrodescendentes) trago o “ainda” até porquê já deveríamos ter incorporado estas questões ao cotidiano da escola; educar para a justiça, ou seja, para que reconheçamos a necessidade da conscientização dos direitos e dos deveres dos sujeitos enquanto cidadãos; a importância da linguagem visuoespacial e a visualização do conhecimento na EaD para pessoas surdas, e também nesta mesma linha as relações de aprendizado com alunos com surdez a fim de realizar um levantamento sobre a metodologia utilizada para os mesmos; reflexões importantes trazidas no artigo que discute a educação para a diversidade de pessoas trans do Ensino Superior, comprovando mais uma vez a necessidade do princípio da equidade em educação e das longas discussões que se ampliarão sobre o tema para que realmente haja uma inclusão real dos sujeitos; a reflexão do momento atual traduzido no artigo sobre a ensino público no contexto da pandemia; a importância da argumentação e do desenvolvimento crítico dos alunos em sala de aula, até para que possam superar alguns discursos rechaçados de discriminação e homofobia; a educação ambiental e as diretrizes curriculares nacionais, ou seja, quais caminhos se cruzam ou se bifurcam sobre estas questões; a fusão entre o analfabetismo e o letramento e sua importância

no processo de ensino, aqui não poderia deixar de mencionar que este processo é um dos principais entraves, ainda presentes no cotidiano escolar; a importância da inteligência artificial enquanto um instrumento disponível para o favorecimento do ensino aprendido; a arte retratada na história do piano no Brasil; a formação inicial do pedagogo no espaço hospitalar produções científicas acerca do tema; as contribuições da atividade experimental para o ensino e aprendizagem da matemática; a vivência musical dos pedagogos nas creches e pré-escolas e por fim, um estudo sobre a evasão escolar a qual a inda é, sem dúvida, uns dos maiores desafios enfrentados por gestores e professores

Por esta breve apresentação percebe-se o quão diverso, profícuo e interessante são os artigos trazidos para este volume, aproveito o ensejo para parabenizar os autores aos quais se dispuseram a compartilhar todo conhecimento científico produzido.

Espero que de uma maneira ou de outra os leitores que tiverem a possibilidade de ler este volume, não saiam ilesos ao término.

Boa leitura!

Prof.^a Ma. Lucimara Glap

Oficina de discussão sobre educação sexual, uma estratégia de prevenção das infecções sexual transmissíveis entre os jovens

Oficina de discussão sobre educação sexual, uma estratégia de prevenção das infecções sexual transmissíveis entre os jovens

Matheus Fernandes de Souza
Instituto Metodista Izabela Hendrix

DOI: 10.47573/aya.88580.2.34.11

RESUMO

Na adolescência o conhecimento da sexualidade se torna fato importante da construção da maturidade. A vivência com as questões relacionadas ao sexo, muitas vezes acontece de maneira errônea e o desconhecimento gera ações que acabam se tornando inseguras para os jovens. Enxergando tal realidade, o objetivo desse estudo foi analisar o conhecimento de 157 alunos do 8º ano do ensino fundamental, oriundos de duas escolas da rede públicas da região metropolitana de Belo Horizonte, sobre as ISTs, antes e após a Oficina de Discussão sobre Educação Sexual. A estratégia utilizada foi a aplicação de questionário (pré-teste e pós-teste) com o intuito de quantificar a diferença do conhecimento desses adolescentes. A faixa etária se concentrou entre 12 e 15 anos, onde a iniciação sexual precoce pode ser observada em 58% dos estudantes, com maior incidência entre os meninos. Os conhecimentos gerais sobre as ISTs, de acordo com os resultados do presente estudo, apresentavam-se limitados antes da aplicação da oficina. Após as discussões e a apresentação das informações sobre as ISTs, foi possível perceber um aumento significativo no conhecimento dos alunos sobre as formas de transmissão, assim como os principais métodos de prevenção. Conclui-se que há a necessidade de desenvolver maneiras criativas para abordar a educação sexual nas escolas.

Palavras-chave: educação sexual. ISTs. saúde. prevenção. adolescentes.

Abstract

In adolescence the knowledge of sexuality becomes an important fact of the construction of maturity. Experience issues related to sex often happens in a wrong way and ignorance leads to actions that become unsafe for young people. In view of this reality, the objective of this study was to analyze the knowledge of 157 students from the 8th grade of elementary school, from two public schools in the metropolitan area of Belo Horizonte on STIs, before and after a discussion workshop on sex education. A questionnaire (pre-test and post-test) was used to quantify the difference in the knowledge of these adolescents. Where early sexual initiation can be observed in 58% of the students, with a higher incidence among boys. General knowledge about STIs, according to the results of the present study, was limited prior to the implementation of the workshop. After the discussions and the presentation of information about STIs, it was possible to perceive a significant increase in students' knowle It is concluded in this study that there is a need to develop creative ways to approach sex education in schools.dge about the forms of transmission, as well as the main methods of prevention.

Keywords: sex education. STIs. health. prevention. teenagers.

INTRODUÇÃO

As Infecções Sexualmente Transmissíveis – ISTs, antes conhecidas como Doenças Sexualmente Transmissíveis – DSTs, são aquelas causadas por fungos, bactérias ou vírus, cujas formas de transmissão mais frequentes são: através do contato sexual com pessoas contaminadas, de mãe para filho durante a gestação, parto ou amamentação, ou, ainda, via transfusões sanguíneas e uso de materiais perfuro cortantes contaminados (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017). A mudança na nomenclatura de “DOENÇA” para “INFECÇÕES” ocorreu em 2016, através da publicação, no Diário Oficial da União, do Decreto nº 8901/2016, que estabeleceu, dentre outras alterações no regimento do Ministério da Saúde, a criação do Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das ISTs, do HIV/Aids e das Hepatites Virais.

As ISTs mais comuns são: Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – AIDS, Vírus do Papiloma Humano – HPV, Clamídia, Gonorreia, Hepatite B, Sífilis, Herpes Genital e Tricomoníase. Todas essas infecções estão entre os problemas de saúde pública mais comuns em todo o mundo, com uma estimativa de 340 milhões de casos novos por ano e cerca de um milhão de pessoas infectadas diariamente (OMS, 2001). Na maioria dos casos, essas doenças manifestam-se de forma sintomática, com o surgimento de feridas, corrimento, bolhas ou verrugas ((MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017). Existem, ainda, aquelas infecções que podem ficar assintomáticas por vários anos, sendo detectadas apenas através de exames laboratoriais. Algumas ISTs possuem tratamento de rápida resolução e outras têm tratamentos mais complexos e, até mesmo, podem persistir ativas, mesmo com a melhora dos sintomas relatados pelos pacientes (NAVES *et al.*, 2008).

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA ou AIDS) é uma das doenças infecciosas de maior prevalência e de consequências e danos devastadores (BRITO *et al.*, 2001). Causada pelo Vírus da Imunodeficiência Humana - HIV, possui, como sua principal característica, a supressão profunda da imunidade regulada pelas células T, tornando o paciente vulnerável a infecções oportunistas, doenças neurológicas e neoplasias secundárias (ROBBINS, 2001). Hoje, são conhecidos dois tipos desse vírus: HIV-1, que tem maior prevalência no mundo, e HIV-2, considerado endêmico da África e, atualmente, já observado em algumas partes da Ásia (PARHAM, 2000).

A sífilis é uma doença infecciosa causada pela bactéria *Treponema pallidum* (BARSANTI *et al.*, 2000), agindo em praticamente todos os órgãos e sistemas do corpo humano (AVELLEIRA; BOTTINO, 2006). A infecção pode ser adquirida através de contato sexual, transfusões de sangue, transplantes de órgãos ou de forma congênita (LIMA *et al.* 2013). Apesar de ser uma doença com tratamento dinâmico e oferecido de forma gratuita pelo governo, a sífilis ainda é considerada um problema de saúde pública (AVELLEIRA; BOTTINO, 2006). O aumento da prevalência dessa doença em países desenvolvidos tem ganhado destaque nos últimos anos (TEMMERMAN *et al.*, 2000). No Brasil, em 2016, o Ministério da Saúde, juntamente com a Secretária de Vigilância em Saúde, divulgou a existência comprovada de 87.593 casos de sífilis adquirida, 37.436 casos em gestantes, 20.474 casos de sífilis congênita e 185 óbitos. Entre os dados divulgados, a maior proporção dos casos foi na região Sudeste.

Atualmente, a infecção viral mais transmitida por vias sexuais é aquela provocada pelo Papilomavírus Humano - HPV (BECKER, 1987). De acordo com o Ministério da Saúde, o HPV infecta pele ou mucosas (oral, genital ou anal), em homens e mulheres, causando verrugas nas

regiões genitais e anais. O diagnóstico pode ser feito através de exames a olho nu, para a visualização de verrugas, ou por periscopia em homens e colonoscopia em mulheres (ALVES; LOPES, 2008). Em casos mais graves, esse vírus pode levar ao surgimento de câncer de colo do útero. Outras vias de transmissão relevantes são através de fômites (toalhas, roupas íntimas, sabonete, entre outros), materno-fetal ou através de instrumentos ginecológicos sem a devida esterilização (CARVALHO; OYAKAWA, 2000). A infecção pelo HPV é altamente prevalente, sendo detectada em aproximadamente 10% a 20% da população sexualmente ativa, entre 15 e 49 anos de idade.

Aproximadamente, 25% de todas as Infecções Sexualmente Transmissíveis ISTs são diagnosticadas em jovens na faixa etária de 19 a 25 anos (BRAVERMAN, 2000). De acordo com a pesquisa desenvolvida por Martini e Bandeira (2003), uma explicação para esse fato é o início precoce à vida sexual, estimulado, muitas vezes, pelos veículos de comunicação ou pela liberação sexual, onde os jovens optam por relações sem o uso de preservativos ou métodos contraceptivos. Para Camargo e Ferrari (2009), a escola deveria ser uma importante aliada do Ministério da Saúde na conscientização desses adolescentes com relação aos riscos da disseminação de tais doenças, através do desenvolvimento de ações educativas nas diferentes áreas dos saberes humanos. Em muitos casos, a família isenta-se desse processo de orientação sexual, devido à falta de diálogo com os filhos, a vergonha de abordar o tema e aos preconceitos relacionados a suas culturas (LINS *et al.*, 1988; MARTINI; BANDEIRA, 2003).

A abordagem sobre sexualidade no ambiente escolar é recente, pois, durante muitos anos esse assunto quase não era abordado, principalmente devido às repressões políticas e religiosas da sociedade. Apenas a partir do século XX, com advento das campanhas de prevenção contra o HIV/AIDS e doenças venéreas, como a sífilis, e a gravidez precoce, o tema “educação sexual” passou a ser frequente nas escolas (SFAIR *et al.*, 2015). Em 2013, houve a publicação do Estatuto da Juventude (Lei 12.852/2013), que em seu artigo 20-VI estabelece a inclusão da temática “saúde sexual e reprodutiva” nos projetos pedagógicos dos diversos níveis de ensino. Já em 2018, foi publicada a Base Nacional Comum Curricular, cujo texto garante a inclusão dos conteúdos referentes a métodos contraceptivos, prevenção e identificação de sintomas de ISTs, vias de transmissão e tratamentos, além de suas relações com os problemas gerais da atualidade, aos currículos escolares, trabalhados de maneira transversal e com a participação de todos os professores.

Em 2003, o Ministério da Saúde em parceria com o Ministério da Educação implementou o Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), cujo principal objetivo era a promoção da saúde sexual e reprodutiva, reduzindo a vulnerabilidade dos adolescentes às ISTs, à gravidez não planejada e ao uso de psicoativos (RIBEIRO e RIBEIRO, 2015). Os autores Green e Kreuter (1991) entendem por “educação em saúde” como qualquer combinação de experiências de aprendizagem delineadas com vistas a facilitar ações voluntárias, que conduzam à prevenção, promoção e atenção à saúde. Freire (1980) ressalta que “ninguém luta contra as forças que não compreende, cuja importância não mede, cujas formas e contornos não discerne”, ou seja, para acabar com as doenças é preciso ensinar sobre as mesmas. Trazer essa abordagem para dentro das escolas tem grande relevância porque proporciona uma maior discussão e reflexão sobre os temas e sua relação direta com contexto sociocultural dos alunos de escolas públicas.

Diante do exposto, o presente trabalho visa contribuir para a reflexão e discussão sobre ISTs no ambiente escolar, reduzindo os índices de vulnerabilidade dos jovens a essas doenças, o

surgimento de novos casos de infecção e conscientizando sobre os riscos das relações sexuais sem proteção. Outro objetivo relevante, é auxiliar na implementação da SPE, que prevê diversas ações e atividades voltadas para a promoção da saúde individual e coletiva.

MATERIAIS E MÉTODOS

O método de pesquisa utilizado foi o quantitativo, no qual foram realizadas coletas de dados por meio de questionário (vide ANEXO 1). A coleta desses dados foi feita em dois momentos, antes da execução da Oficina de Discussão Sobre Educação Sexual (pré-teste) e após a realização da oficina (pós-teste). Os questionários continham questões de múltipla escolha referentes a dados gerais dos alunos, como idade, gênero biológico, e questões específicas sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis - ISTs.

Ao todo, os questionários foram aplicados a 157 alunos do Ensino Fundamental II (8º ano) das escolas: Escola Municipal Jair Amâncio, localizada no município de Ribeirão das Neves e na Escola Municipal Florestan Fernandes, do município de Betim, ambas estão localizadas na região metropolitana da cidade de Belo Horizonte – Minas Gerais. A pesquisa foi realizada no mês de maio de 2019, com autorização das direções de ambas as escolas (vide ANEXO 2).

A faixa etária escolhida (12 a 15 anos) tem em vista que representa a idades em que ocorre a iniciação sexual dos adolescentes. Sendo assim, faz-se necessário um maior conhecimento da temática abordada na Oficina de Discussão Sobre Educação Sexual, juntamente com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Os resultados da pesquisa geraram gráficos que levam em consideração os conhecimentos prévios e os conhecimentos que os adolescentes adquiriram após a implementação da Oficina de Discussão Sobre Educação Sexual, que foi aplicado em três etapas, descritas abaixo:

- 1ª Etapa: Apresentação da Oficina de Discussão Sobre Educação Sexual para os alunos do 8º ano, explicando qual o conteúdo que seria administrado e sua importância. Nessa etapa, foi passado para os alunos como seria o programa e o que eles iriam ver no mesmo. Após apresentação inicial, foi aplicado o questionário inicial (pré-teste) para coleta da primeira parte dos dados, que tinha como principal finalidade analisar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o tema.
- 2ª Etapa: Aplicação da oficina com a abordagem sexualidade, práticas sexuais, puberdade e suas transformações e as ISTs, demonstrando, por meio de apresentação de slides e fala, o que são, como são transmitidas e os principais meios de prevenção. No decorrer da apresentação, diversas perguntas foram levantadas pelos alunos, as quais foram anotadas no quadro negro para serem respondidas posteriormente. Essa dinâmica de perguntas foi combinada previamente com os alunos, antes da aplicação da Oficina de Discussão Sobre Educação Sexual.
- 3ª Etapa: Finalização da Oficina de Discussão Sobre Educação Sexual, com debate entre os alunos e esclarecimento das perguntas e dúvidas levantadas pelos mesmos durante e após a apresentação. Durante a roda de conversa, os alunos se envolveram e em muitas vezes eles mesmos respondiam as perguntas levantadas pelos colegas. Posteriormente, para finalização da oficina foi aplicado o questionário como forma de

pós-teste, com intuito de identificar as mudanças e a ampliação dos conhecimentos dos adolescentes sobre a temática abordada. Após a aplicação do questionário, foi realizada a conclusão da atividade e agradecimentos à participação de todos os envolvidos.

Tabela 1 - Resumo da metodologia aplicada na pesquisa.

Estudo de natureza quantitativa	
População aproximada	1700 alunos nas duas escolas.
Amostragem	Por conveniência, 157 alunos.
Instrumento de estudo	Entrevista com questionário.
Instrumento de análise	Gráficos e Tabelas
Data da realização	Maio de 2019

Após a finalização da Oficina de Discussão Sobre Educação Sexual, as informações obtidas nos questionários foram organizadas em um banco de dados e foram criados gráficos que relatam o conhecimento dos alunos antes e após a atividade. As respostas foram avaliadas de acordo com os seguintes quesitos: Existem diferenças entre as respostas dos meninos e das meninas?; Houve mudança significativa na forma de pensar sobre o tema sexualidade após a aplicação do Oficina de Discussão Sobre Educação Sexual?

RESULTADOS

Participaram da Oficina de Discussão Sobre Educação Sexual 157 adolescentes, na faixa etária de 12 a 15 anos, estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental. Destes, 52% possuía idade entre 12 e 13 anos e 34% entre 14 e 15 anos. Apenas 14% apresentava-se fora de faixa, com idade superior à 15 anos. Com relação ao gênero biológico dos alunos, 58% era do sexo masculino e 42% do sexo feminino (TABELA 2).

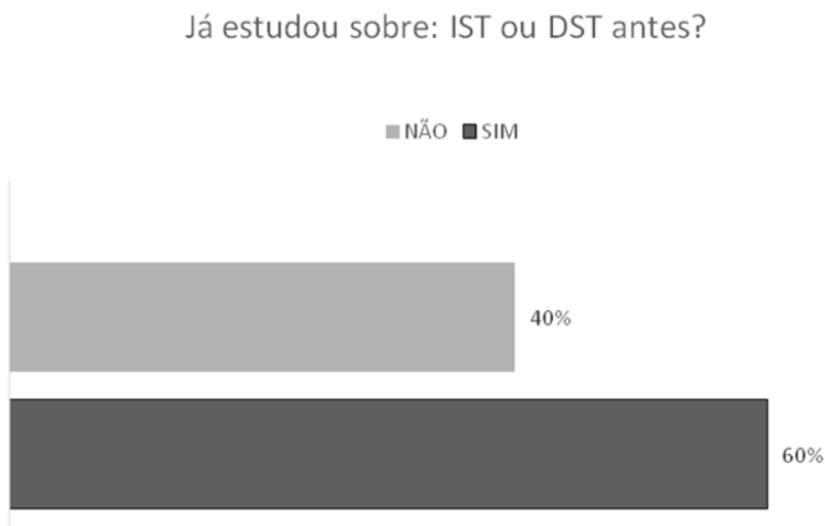
Tabela 2 - Distribuição dos adolescentes do 8º ano do Ensino Fundamental de duas escolas públicas, quanto ao sexo biológico e idade. Região Metropolitana de Belo Horizonte, 2019.

Idade	Pré-teste e Pós-teste					
	Meninas		Meninos		Total	
	N	%	N	%	N	%
12 – 13 anos	32	20%	49	31%	81	52%
14 – 15 anos	24	15%	30	19%	54	34%
> 15 anos	9	6%	13	8%	22	14%
Total	65	42%	92	58%	157	100%

Quando perguntados sobre ter vida sexual ativa, mais da metade (58%) dos alunos afirmou que sim. Notou-se então, que entre os meninos e meninas existia uma diferença significativa: 72% dos alunos com vida sexual ativa era composta por meninos e apenas 28% era de meninas.

Com relação ao conhecimento prévio dos adolescentes sobre a temática da oficina, cerca de 60% respondeu ter algum conhecimento sobre o assunto, no entanto, os outros 40% afirmaram um significativo desconhecimento sobre ISTs (GRÁFICO 1), evidenciando a necessidade da implementação da Oficina de Discussão Sobre Educação Sexual.

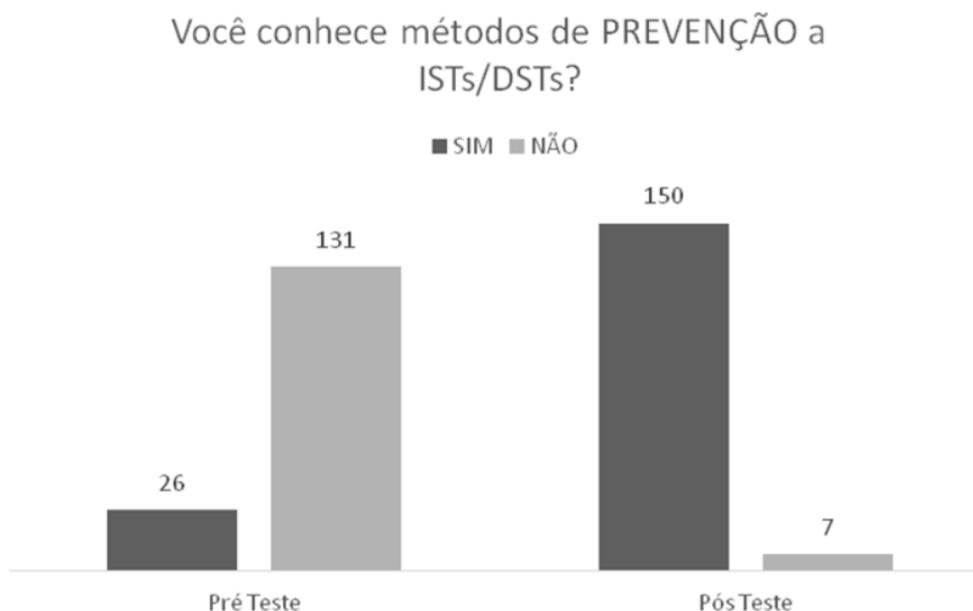
Gráfico 1 - Levantamento do conhecimento prévio dos alunos sobre as ISTs/DSTs.



Quando questionados sobre os significados das siglas: DST ou IST, apenas 53 dos 157 afirmaram ter conhecimento nas respostas do pré-teste. Após desenvolvimento da Oficina de Educação em Saúde, 100% dos alunos responderam que sabiam o que significavam.

Quanto ao conhecimento dos métodos de prevenção das ISTs, apenas 23 alunos (15%) afirmaram, no pré-teste, ter conhecimento sobre o assunto. No pós-teste, 150 alunos (95%) responderam ter conhecimento sobre o assunto, o que representa um aumento de 80% (GRÁFICO 2).

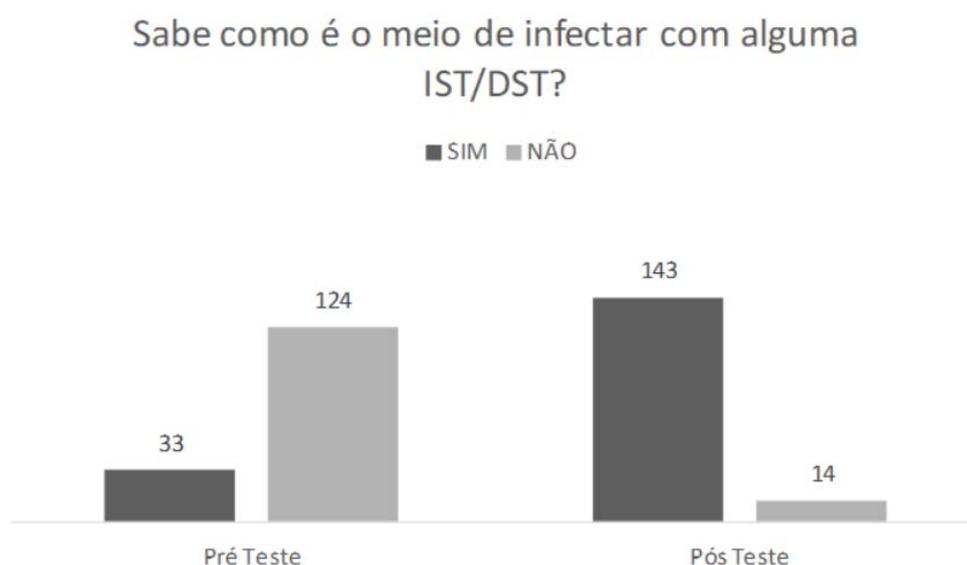
Gráfico 2 - Levantamento do conhecimento dos alunos sobre métodos de prevenção a ISTs, antes e após a Oficina de Discussão Sobre Educação Sexual.



Ao serem questionados se as ISTs/DSTs têm cura, no pré-teste apenas 38 alunos (25%) responderam positivamente, 73 alunos (46%) disseram que as ISTs não possuíam cura e 46 alunos (29%) responderam que algumas tinham e outras não. No pós-teste, 150 (95%) alunos afirmaram que algumas possuíam cura e quando questionados sobre tal afirmação, os mesmos responderam que a AIDs não possuía cura, ao contrário das demais Infecções

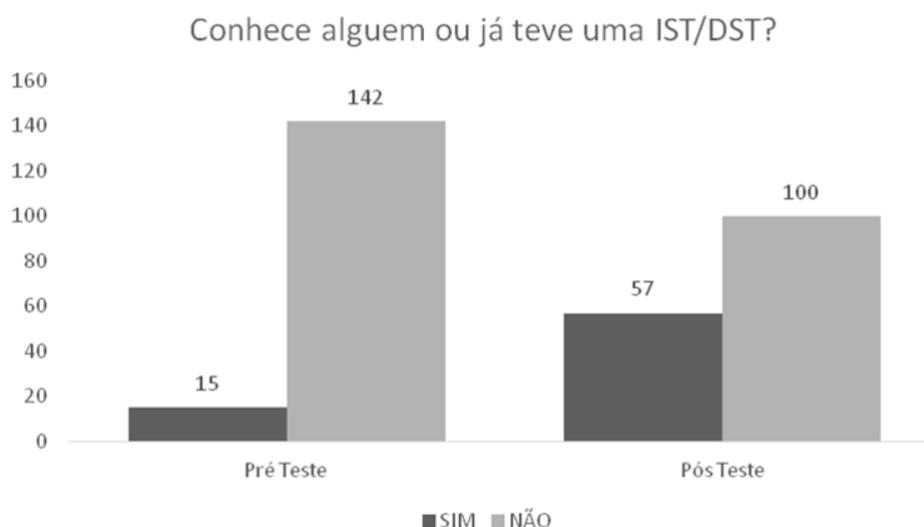
O Gráfico 3 aponta que apenas 33, dos 157 alunos, responderam positivamente quando questionados no pré-teste sobre os meios de transmissão das ISTs. Na segunda fase de questionários (pós-teste) 143 alunos (91%) responderam ter conhecimento sobre os meios de infecção, demonstrando que a oficina ampliou os conhecimentos dos adolescentes sobre essa temática

Gráfico 3 - Levantamento do conhecimento prévio e após a implementação da Oficina de Discussão Sobre Educação Sexual dos alunos sobre as formas de se infectar com ISTs



Quanto a conhecer alguém com alguma IST/DST, apenas 15 dos 157 alunos afirmaram conhecer alguém ou já ter contraído IST. Já no pós-teste, 100 alunos demonstraram conhecer alguém que já teve ou até mesmo já ter se infectado com alguma IST/DST (GRÁFICO 4).

Gráfico 4 - Levantamento dos alunos sobre já ter ou conhecer alguém que já teve uma DST/IST



Com a intenção de enfatizar modos diferentes de pensar a educação, utilizando métodos e meios distintos para efetivar o processo educativo envolvendo adolescentes, os seguintes depoimentos foram destacados durante a Oficina de Discussão Sobre Educação Sexual:

- Foi muito legal, conseguimos aprender e participar da palestra em grupo e sem ser só ouvindo a professora falar. Fica muito melhor assim. (Aluno 1);
- Foi interessante e é um jeito mais fácil de aprender mais sobre essas doenças que sempre estão sendo faladas na TV (Aluno 2);
- Queria que tivessem mais aulas assim para conscientizar mais e conseguirmos aprender ainda mais (Aluno 3);
- Além de ajudar a estudar e também informar, é uma maneira diferente de apreender (Aluno 4).

DISCUSSÃO

Analisando todos os dados colhidos, pré-teste e pós-teste, a evolução dos alunos quanto aos conhecimentos ganhos após a Oficina de Discussão Sobre Educação Sexual é bastante significativa e visível. Em geral, todas as perguntas do questionário eram relacionadas com a temática da e os resultados foram satisfatórios em todas elas, mostrando então, a eficácia da Oficina de Discussão Sobre Educação Sexual, quanto a sua aplicabilidade no ensino fundamental.

De acordo com os resultados aqui apresentados, mais da metade dos adolescentes participantes da pesquisa (58%) afirmou já possuir vida sexual ativa, isso demonstra uma iniciação sexual precoce. O estudo de Martini *et al.* (2003) aponta que a média para início da vida sexual se encontra entre 12 e 16 anos. Outra característica bastante significativa é que entre os garotos, em comparação às garotas, tem a iniciação sexual precoce muito maior. Dados semelhantes são encontrados nos estudos de Trajan, *et al.* (2003) e Taquete *et al.* (2004).

Ao final da oficina, notou-se uma melhora significativa no número de alunos que conseguiu descrever as siglas ISTs e DSTs. No primeiro momento, apenas 34% dos alunos conseguia descrever o significado das referidas siglas e, após a realização da Oficina de Discussão Sobre Educação Sexual, verificou-se uma mudança de conhecimento, e 100% dos alunos responderam de forma positiva. O estudo de Martini *et al.* (2003) mostra que quando se refere aos conhecimentos gerais relacionados às DSTs/ISTs, pode-se observar que a temática não é totalmente desconhecida pelos adolescentes. Muitas vezes o desconhecimento se mescla com o conhecimento, gerando mitos entre os adolescentes.

Com relação ao conhecimento geral sobre as ISTs e os seus métodos de prevenção, os alunos demonstraram um baixo percentual de conhecimento (15%) durante o pré-teste. No pós-teste, houve uma melhora significativa nesse percentual (95%). De acordo com a pesquisa de Boruchovitch (1992), em geral, as meninas têm um conhecimento mais amplo de prevenção, do que os meninos, isso também pode ser comprovado nos resultados aqui apresentados. Jeolás e Ferrari (2003) mostram, em sua pesquisa, que entre os motivos do não uso do preservativo pelos adolescentes, o não conhecimento, esquecimento e submissão das meninas para atender a vontade dos meninos, são fatores indicados pelos jovens. No âmbito das políticas públicas de

saúde, o adolescente é considerado vulnerável, pelo fato de estar em fase de transformações biológicas, psicológicas e sociais, assim como por achar que os danos decorrentes do sexo desprotegido “não irão acontecer com eles”, corroborando com os dados obtidos neste presente estudo.

Quando questionados se as ISTs/DSTs teriam cura, os alunos tinham três opções de respostas: sim, não ou algumas. Cerca de 46% dos alunos, no pré-teste, afirmaram positivamente, o que mostra que os adolescentes possuem um conhecimento superficial do tema. O mesmo resultado foi encontrado por Brêtas *et al.* (2009), em pesquisa realizada com adolescentes entre 12 e 19 anos, em três Escolas Públicas de Ensinos Fundamental e Médio no interior de São Paulo, onde afirmam que o tema IST não é totalmente desconhecido pelos adolescentes, mas não há aprofundamento das informações. O conhecimento sobre ISTs/DSTs geralmente é fornecido por colegas e amigos que também não tiveram acesso à educação sexual, formando um círculo vicioso, onde as informações não são exatas e muitos mitos acabam se multiplicando entre os jovens (DORETO e VIEIRA, 2007). Grande parte dos alunos estudados no trabalho de Bretas *et al.* (2009) mostraram desconhecimento quanto a cura das ISTs/DSTs, e chegaram a afirmar que exista cura para AIDs, dados bastante semelhantes aos encontrados no presente trabalho.

Na questão relacionada às formas de transmissão das ISTs/DSTs, 79% dos alunos responderam não ter conhecimento sobre o tema, no pré-teste. Martini (2014) encontrou dados semelhantes em suas análises, demonstrando que aproximadamente 46,2% dos indivíduos acreditavam que apenas a relação sexual desprotegida era forma de transmissão de alguma ISTs. Outros dados encontrados foram de que os jovens acreditam em diversos mitos, como por exemplo a transmissão pode ocorrer usando o mesmo banheiro, piscinas ou sauna, através de saliva e até mesmo pelo uso de roupas de cama e de utensílios domésticos. Em conversa com os alunos, durante a oficina, alguns afirmaram acreditar nos mesmos mitos, muitas vezes repassados por membros da família, como pais e avós. Kaplan *et al.* (2011), em sua pesquisa, aponta dados alarmantes com relação as infecções em jovens com faixa etária menor que 25 anos, o desconhecimento sobre as formas de contrair uma infecção sexualmente transmissível aumenta os índices das transmissões entre os jovens.

Por fim, quando perguntados sobre conhecer pessoas ou já ter contraído alguma IST/DST, no pré-teste, apenas 9,5% dos alunos responderam de forma positiva. Pode se observar que houve grande mudança quanto as respostas dos alunos, durante o pré e pós-teste, deixando claro que após a implementação da Oficina de Discussão Sobre Educação Sexual, os alunos passaram identificar o que era exatamente uma IST/DST. Acredita-se, também, que o aumento significativo das respostas positivas no pós-teste, decorreu do aproveitamento positivo dos conteúdos ministrados na oficina, trazendo mais conhecimento e informação para os alunos.

No estudo desenvolvido por Luna *et al.* (2013), é possível comprovar que antes do conhecimento sobre IST/DST os adolescentes adotam posturas despreocupadas e comportamentos que não incluem o uso do preservativo nas relações sexuais. Veiga (2010) aponta que o cenário onde os jovens possuem comportamentos despreocupados favorece a ocorrência de relações sexuais desprotegidas e conseqüentemente a maior incidência de ISTs/DSTs entre os jovens. A mudança do comportamento requer conhecimento, que é adquirido com a educação. Em alguns casos, a família tenta impedir que os adolescentes sejam informados sobre sexualidade e suas orientações apenas os proíbe e as escolas muitas vezes estão despreparadas.

Os dados trazidos nesse estudo ressaltam a necessidade que estas questões sejam trabalhadas dentro das escolas. É necessário que haja uma reestruturação na formação de professores, para que os mesmos possam desenvolver educação em saúde na escola. As formações deveriam habilitar o professor a ter uma visão mais ampla referente aos modos de enxergar os contextos no qual seus alunos estão inseridos e assim a necessidade de uma visão de saúde como um todo (MARTINI, 1992).

Em estudo realizado com tecnologias educativas, no contexto escolar, o uso destas tecnologias foi primordial no desenvolvimento do processo educativo proposto, visto que tenta superar o modelo tradicional ao estimular a discussão entre os adolescentes sobre a temática (GUBERT *et al*, 2009), o que corrobora o presente trabalho. De acordo com os depoimentos dos alunos e dos dados obtidos, entende-se que o uso de uma metodologia ativa como a Oficina de Discussão Sobre Educação Sexual é visualizado pelos adolescentes como algo que permite uma participação de todos de modo iterativo e conscientizador, trazendo a possibilidade de aquisições de conhecimento e o aprendizado dos jovens quanto ao conhecimento e prevenção de ISTs. Pode-se perceber também que em todas as perguntas do questionário teve uma melhora das respostas, o que é fundamental para afirmar que o desenvolvimento de oficinas e atividades que impulsionem o conhecimento dos alunos é um método de ensino eficaz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização das oficinas junto aos alunos o 8º ano do ensino fundamental, em escolas públicas da região metropolitana do município de Belo Horizonte, permite concluir que o conhecimento dos alunos sobre as temáticas proposta melhorou em vários pontos.

Observou-se que entre os adolescentes, existe uma alta taxa de incidência quanto ao início da vida sexual precoce e o tema em questão gera grande interesse entre os alunos. Nota-se também que os meninos afirmam em grande maioria já ter iniciado a vida sexual, mas as meninas possuem maior conhecimento em relação ao tema. De modo geral, os adolescentes conhecem de maneira muito superficial as ISTs, seus meios de transmissão e formas de prevenção, sendo a mudança nessa mentalidade um dos principais objetivos desse estudo.

Pode-se concluir que houve acréscimo de conhecimento quanto a tais questões, os resultados obtidos após a implementação da oficina reforçam a convicção da importância da orientação sexual e particularmente da saúde reprodutiva para os adolescentes. Abordar o tema como aspecto natural e positivo é necessário no contexto escolar. O uso de uma metodologia ativa é forma criativa e diferenciada para maior discussão do tema nas escolas, tendo esse estudo como forma de comprovar a eficácia e eficiência de tal metodologia.

REFERÊNCIAS

ALVES AS, LOPES MHBM. 2008. Uso de métodos anticoncepcionais entre adolescentes universitários. *Revista Brasileira de Enfermagem* 61(2):170-177.

ARAÚJO, Telma Maria Evangelista de *et al*. Fatores de risco para infecção por HIV em adolescentes. *Rev. enferm. UERJ*, p. 242-247, 2012.

-
- AVELLEIRA, João Carlos Regazzi; BOTTINO, Giuliana. Syphilis: diagnosis, treatment and control. *Anais brasileiros de dermatologia*, v. 81, n. 2, p. 111-126, 2006.
- BARSANTI, Claudio *et al.* Diagnóstico de sífilis congênita: comparação entre testes sorológicos na mãe e no recém-nascido. *Rev Soc Bras Med Trop*, v. 32, n. 6, p. 605-11, 2000.
- BORGES, Ana Luiza Vilela; SCHOR, Néia. Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero: um estudo transversal em São Paulo, Brasil, 2002. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 21, p. 499-507, 2005.
- BORUCHOVITCH, Evely. Fatores associados a não-utilização de anticoncepcionais na adolescência. *Revista de Saúde Pública*, v. 26, p. 437-443, 1992.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Fundamentos pedagógicos e estrutura geral da BNCC. Brasília, DF, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acesso em 10 MAR de 2019.
- BRAVERMAN PK. Sexually transmitted diseases in adolescents. *Med Clin North Am* 2000; 84:869-89.
- BRÊTAS, José Roberto da Silva *et al.* Conhecimento sobre DST/AIDS por estudantes adolescentes. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 2009.
- BRITO, Ana Maria de *et al.* AIDS e infecção pelo HIV no Brasil: uma epidemia multifacetada. 2001.
- CAMARGO, Elisana Ágatha Iakmiu; FERRARI, Rosângela Aparecida Pimenta. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 14, p. 937-946, 2009.
- CARLETO, Amanda P. *et al.* Conhecimentos e práticas dos adolescentes da capital de Mato Grosso quanto às DST/AIDS. *DST J Bras Doenças Sex Transm [Internet]*, v. 22, n. 4, p. 206-11, 2010.
- CARVALHO JJM, OYAKAWA NI. Conselho Brasileiro de HPV-Papilomavirus Humano. São Paulo: BG Cultural; 2000.
- CATANIA, J. A.; KEGELES, S. M.; COATER, T. J. Towards and Understanding of risk behavior: na AIDS Risk Reduction Model (ARRM). *Health Educ Q*, v. 17, p.53-72, 2010.
- DE ASSIS VEIGA, Maria Beatriz; PEREIRA, Adriana Lemos. Opinião de jovens do sexo masculino sobre contracepção, gravidez não planejada e aborto induzido. *Ciência, Cuidado e Saúde*, v. 9, n. 4, p. 682-689, 2010.
- DORETO, Daniella Tech; VIEIRA, Elisabeth Meloni. O conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis entre adolescentes de baixa renda em Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 23, p. 2511-2516, 2007.
- FERNANDES, M. H.; ROCHA, V. M.; SOUZA, D. B. A concepção sobre saúde do escolar entre professores do ensino fundamental (1ª a 4ª séries). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 283-291, mai./ago., 2005.
- GUBERT, Fabiane do Amaral *et al.* Tecnologias educativas no contexto escolar: estratégia de educação em saúde em escola pública de Fortaleza-CE. *Rev. eletrônica enferm*, p. 165-172, 2009.
- JEOLÁS, Leila Sollberger; FERRARI, Rosângela Aparecida Pimenta. Oficinas de prevenção em um serviço de saúde para adolescentes: espaço de reflexão e de conhecimento compartilhado. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 8, p. 611-620, 2003.

KAPLAN, D. W. Condom use adolescents. *Pediatrics*, v. 107, p. 1463-1469, 2011.

LIMA, Marina Guimarães *et al.* Incidência e fatores de risco para sífilis congênita em Belo Horizonte, Minas Gerais, 2001-2008. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 18, p. 499-506, 2013.

LINS LCS, PEREIRA EMDR, LIRA IV. Como anda a educação sexual dos jovens. *Rev Bras Enferm* 1988; 41(2):121-131.

LUNA, Izaildo Tavares *et al.* Conhecimento e prevenção das doenças sexualmente transmissíveis entre os adolescentes em situação de rua. *Ciência, Cuidado e Saúde (Online)*, v. 12, n. 1, p. 346-355, 2013.

MARTINI, Jussara Gue; BANDEIRA, Adriana da Silva. Saberes e práticas dos adolescentes na prevenção das doenças sexualmente transmissíveis. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília (DF) 2014 mar/abr; 56(2):160-163.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). Secretaria de Vigilância em Saúde. Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST): manual de bolso. Brasília (DF): Ministério da saúde; 2017

NAVES, Janeth de Oliveira Silva *et al.* Práticas de atendimento a DST nas farmácias do Distrito Federal, Brasil: um estudo de intervenção. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 24, p. 577-586, 2008. OMS?

PARHAM P. O sistema imune. Porto Alegre, RS: Artmed; 2000.

RIBEIRO, Marcelo Silva de Souza; RIBEIRO, Carla Valois. Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE): elementos para avaliação de projetos sociais em Juazeiro, Bahia, Brasil. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 19, p. 337-348, 2015.

ROBBINS SL. Fundamentos de Robbins: patologia estrutural e funcional. 6.^a ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2001.

ROGERS JL, LOIS LJ, LUESLEY DM. Vaccines against cervical câncer. *Curr Opin Oncol*. 2008 Set; 20(5):570-4;

SILVA, Conceição Vieira da; BRÊTAS, José Roberta da Silva; FERNANDES, Carolina Nova. Conhecimento de adolescentes sobre doenças sexualmente transmissíveis/AIDS. *Rev. paul. enferm*, v. 22, n. 1, p. 12-21, 2003.

TAVARES, M. F. L.; ROCHA, R. M. Promoção da Saúde e a Prática de Atividade Física em Escolas de Manguinhos – Rio de Janeiro. BRASIL. Ministério da Saúde. Escolas promotoras de saúde: experiências do Brasil. Brasília: Ministério da Saúde, Organização Pan-Americana da Saúde, 2006. 272p.

TAQUETTE, Stella R.; VILHENA, Marília Mello de; PAULA, Mariana Campos de. Doenças sexualmente transmissíveis na adolescência: estudo de fatores de risco. *Rev Soc Bras Med Trop*, v. 37, n. 3, p. 210-4, 2004.

TRAJMAN, Anete *et al.* Knowledge about STD/AIDS and sexual behavior among high school students in Rio de Janeiro, Brazil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 19, p. 127-133, 2003.

TEMMERMAN M, GICHANGI P, FONCK K, APERS L, CLAEYS P, VAN RENTERGHEM L, *et al.* Effect of a syphilis control programme on pregnancy outcome in Nairobi, Kenya. *Sex Transm Infect*. 2000;76(2):117-21.

ANEXO 1 - Questionário: Pré e pós implementação da oficina de Discussão????do Programa de Educação em Saúde

1. Qual sua idade

12 – 13 ()

14 – 15 ()

15 – > ()

2. Qual seu sexo?

MASCULINO ()

FEMININO ()

3. Possui vida sexual ativa?

SIM ()

NÃO ()

4. Já estudou sobre DSTs ou ISTs antes?

SIM ()

NÃO ()

5. Você sabe o que significa IST e/ou DST?

SIM ()

NÃO ()

6. Conhece métodos de prevenção a ISTs e/ou DSTs

SIM ()

NÃO ()

7. As ISTs possuem cura?

SIM ()

NÃO ()

Algumas ()

8. Sabe como funcionam os métodos de tratamentos das ISTs?

SIM ()

NÃO ()

9. Sabe como é o meio de se infectar com alguma DST ou IST?

SIM ()

NÃO ()

10. Já teve ou conhece alguém que já teve alguma IST/DST?

SIM ()

NÃO ()

Organizadora

Lucimara Glap

Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Tecnologia (UTFPR). Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Especialista em Coordenação Pedagógica pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Graduada em Licenciatura em Pedagogia (UEPG). Membro do Grupo de Pesquisa: Educação a Distância - formação docente para o Ensino de Ciência e Tecnologia. Coordenadora do Polo de Apoio Presencial da Universidade Aberta do Brasil (UAB) do município de Ponta Grossa. Professora da Faculdade Santana dos Cursos de: Licenciatura em Pedagogia e Licenciatura em Filosofia.

Índice Remissivo

A

- adesão* 65, 66, 117, 125, 126, 131, 132
adolescentes 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 151, 241
África 31, 32, 49, 50, 51, 54, 55, 56, 57, 136
afro-brasileira 50, 51, 54, 56
alfabetismo 148, 149, 152
alfabetização 22, 149, 150, 151, 152, 153
alunos 18, 19, 20, 21, 25, 52, 56, 57, 62, 76, 99, 100, 109, 110, 114, 115, 121, 126, 132, 133, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 150, 151, 152, 153, 159, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 172, 174, 175, 176, 177, 179, 183, 184, 185, 188, 190, 191, 200, 241
ambiental 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133
ambiente 24, 42, 46, 53, 85, 86, 89, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 120, 127, 128, 129, 130, 132, 137, 149, 151, 152, 156, 166, 167, 174
antropologia 12
aplicabilidade 49, 55, 56, 142, 156
aprendizado 31, 68, 75, 77, 85, 95, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 114, 144, 149, 151, 152, 157, 159, 163, 168, 176, 191, 196, 198, 199
aprendizagem 32, 36, 42, 44, 46, 48, 50, 56, 57, 70, 75, 80, 85, 88, 89, 93, 95, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 105, 108, 109, 110, 113, 118, 119, 120, 122, 130, 137, 149, 150, 151, 152, 157, 158, 165, 166, 167, 169, 183, 184, 185, 191, 192, 196, 198, 199, 201, 205, 210, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 233, 234, 235
argumentação 111, 112, 113, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123
artes 154, 155, 158, 161, 197
aula 13, 14, 16, 18, 20, 21, 25, 52, 54, 56, 96, 97, 104, 111, 112, 114, 115, 118, 120, 122, 123, 152, 158, 166, 174, 184, 185, 191, 192, 193, 200, 241

B

- brasileiras*
brasileiros 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 85, 106, 160
brasileiro 51, 53, 54, 55, 64, 69, 71, 85, 86, 88, 103, 104, 160, 175, 183

C

- cidadão* 43, 47, 56, 58, 59, 62, 63, 67, 70, 128, 164, 166
comunidade 12, 13, 19, 25, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 38, 79, 92, 109, 115, 127, 128, 129, 130, 173, 186, 187
conceitos 17, 20, 21, 28, 29, 42, 43, 45, 50, 54, 55, 70, 76, 94, 105, 150, 151, 165, 166, 186, 187, 199
conhecimento 14, 20, 24, 25, 29, 32, 35, 36, 45, 46, 63, 64, 65, 67, 68, 70, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 84, 85, 89, 92, 93, 97, 98, 99, 101, 103, 112, 114, 115, 118, 120, 121, 122, 123, 128, 129, 133, 135, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 152, 157, 158, 166, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 179, 180, 184, 185, 186, 187, 188, 191, 196, 199

contemporaneidade 12, 13, 14, 18, 23, 24, 29, 51
creches 62, 227, 228, 233, 234, 235, 236
criança 34, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 69, 109, 110, 117, 149, 150, 151, 152, 157, 158, 165, 166, 241
criatividade 151, 169, 180, 195
crise 19, 23, 28, 34, 35, 39
crítica 18, 25, 39, 53, 56, 65, 66, 72, 91, 122, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 133, 184
cultural 12, 15, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 25, 26, 51, 53, 54, 55, 56, 70, 77, 86, 88, 91, 93, 98, 100, 103, 117, 122, 152, 159, 184, 185
Curricular 12, 42, 50
curriculares 13, 55, 56, 86, 87, 89, 105, 113, 124, 125, 126, 160

D

debate 112
dênero 11, 24, 25, 26, 87, 90, 94, 104, 105, 106
desigualdade 29, 51, 54, 59, 60, 65, 66, 68, 105, 110, 241
dinamizador 154, 155, 156, 157, 159
direito 42, 47, 56, 60, 61, 62, 68, 70, 71, 86, 88, 89, 90, 92, 102, 104, 128, 163, 164
direitos 15, 16, 19, 24, 43, 53, 55, 58, 59, 60, 62, 63, 68, 69, 87, 88, 89, 90, 91, 106, 109, 129, 163, 164, 167
diretrizes 57, 61, 87, 88, 104, 124, 125, 138, 190, 201
disciplina 33, 39, 52, 56, 120, 129, 131, 152, 155, 159, 184
diversidade 24, 30, 51, 54, 76, 77, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 99, 100, 102, 104, 105, 112, 113, 114, 115, 116, 122, 128, 166, 167, 192
docente 12, 14, 100, 124, 125, 126, 127, 129, 131, 132, 150, 156, 159, 166, 242
Down 162, 163, 164, 165, 166, 167

E

ead 74, 84
EaD
ead 73, 75, 76, 80
educação 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 20, 25, 26, 28, 34, 35, 36, 38, 40, 42, 43, 45, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 67, 68, 69, 70, 71, 74, 75, 76, 77, 80, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 113, 114, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 137, 142, 143, 144, 145, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 166, 167, 169, 175, 176, 178, 179, 182, 183, 184, 185, 189, 190, 191, 192, 193, 197, 198, 201
educação à distância 74, 75, 76, 80, 84, 109
educação infantil 42, 47, 61, 62, 149, 154, 155, 158, 160, 175, 201
educação sexual 87, 104, 134, 135, 137, 143, 146
educacionais 18, 20, 23, 28, 52, 54, 55, 56, 61, 85, 87, 91, 92, 93, 94, 97, 98, 108, 156, 167, 174, 176, 190, 192, 196
ensino 45, 46, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 68, 69, 70, 71, 75, 83, 84, 87, 93, 96, 97, 98, 99, 100, 103, 105, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 118, 119, 120, 121, 123, 126, 127, 128, 130, 135, 137, 142, 144, 145, 148,

149, 150, 153, 157, 158, 159, 163, 164, 166, 167, 169, 174, 175, 176, 179, 181, 182, 183, 184, 185, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 205, 210, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 228, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 241, 244

ensino regular 163, 174, 179, 197

ensino superior 83, 84, 97, 98, 103, 105, 189

escolar 13, 16, 18, 19, 25, 27, 28, 29, 38, 48, 50, 52, 56, 62, 70, 85, 87, 89, 96, 97, 98, 103, 105, 106, 109, 123, 126, 129, 132, 133, 137, 144, 145, 151, 152, 153, 156, 157, 158, 159, 163, 166, 167, 169, 174, 176, 184, 188, 192, 193, 240, 241

ética 15, 24, 28, 29, 30, 31, 54, 94, 125, 126, 129

experimento 215, 221

F

família 22, 29, 34, 37, 38, 40, 44, 52, 61, 70, 78, 108, 109, 110, 117, 137, 143, 150, 151, 152, 163, 164

formação 13, 15, 22, 28, 32, 38, 39, 42, 45, 48, 53, 54, 56, 61, 68, 69, 70, 71, 76, 77, 85, 87, 88, 89, 92, 94, 96, 99, 100, 106, 125, 128, 129, 131, 132, 144, 150, 151, 152, 155, 158, 159, 164, 166, 167, 185, 196, 242

G

gênero 17, 18, 19, 21, 22, 23, 35, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 99, 100, 102, 104, 105, 117, 138, 139, 145

gestores 108, 109, 157, 167, 176, 177, 189, 190

globalização 12, 19, 22, 23, 59, 70

H

hábitos 125, 132, 197

história 13, 15, 16, 23, 24, 29, 32, 35, 36, 37, 47, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 60, 63, 65, 67, 68, 70, 72, 78, 90, 101, 102, 106, 116, 176, 187, 192, 193, 194, 196, 199

I

IA 182, 183, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192

ideias 23, 25, 35, 44, 46, 48, 61, 70, 77, 86, 101, 112, 113, 115, 116, 119, 122, 130, 156, 157, 173, 185, 187, 200

implementação 49, 50, 68, 138, 140, 141, 143, 144, 147, 153

inclusão 50, 51, 53, 54, 56, 75, 83, 86, 87, 89, 99, 128, 137, 151, 163, 164, 166, 167, 169, 174, 177, 178, 179

infância 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 161

infantil 42, 46, 47, 61, 62, 149, 154, 155, 157, 158, 160, 175, 199, 201, 241

instituição 27, 28, 29, 34, 45, 60, 62, 64, 71, 100, 105, 106, 120, 152, 175, 177, 190, 192

inteligência 45, 166, 181, 182, 183, 186, 188, 189, 193

inteligência artificial 181, 182, 183, 186, 188, 189

ISTs 135, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 147

J

juvens 14, 26, 128, 134, 135, 137, 142, 143, 144, 145, 146, 150, 175, 198
justiça 29, 31, 35, 53, 58, 59, 60, 68, 122, 128

L

lei 17, 34, 36, 49, 50, 51, 54, 55, 61, 103, 125, 126, 127, 128, 129, 133, 160, 163
letramento 148, 149, 150, 152, 153
linguagem 46, 63, 66, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 84, 96, 113, 116, 117, 118, 119, 122, 123, 165, 166, 171, 188, 197

M

matemática 12, 28, 42, 50, 59, 74, 84, 108, 112, 125, 135, 149, 155, 163, 182, 195, 204, 215, 228, 241
métodos 135, 137, 140, 142, 144, 147, 150, 170, 180, 184, 187, 190, 191, 192, 195, 196, 199, 200
moral 13, 15, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 39, 40, 44
multiculturalismo 11, 12, 13, 15, 16, 17, 19
música 197, 198, 200, 201, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239
musical 196, 197, 198, 199, 200, 201, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 235, 236, 237, 238

N

nacionais 22, 23, 56, 64, 87, 124, 125, 160, 172
necessidades 29, 43, 47, 55, 62, 65, 77, 81, 100, 101, 129, 166, 167, 184, 185, 191

O

online 12, 25, 31, 34, 39, 40, 108
Organização 12, 28, 42, 50, 59, 74, 84, 108, 112, 125, 135, 149, 155, 163, 182, 195, 204, 215, 228, 241
Organização Curricular 12, 28, 42, 50, 59, 74, 84, 108, 112, 125, 135, 149, 155, 163, 182, 195, 204, 215, 228, 241

P

paciente 32, 136, 166
pedagogia 42, 43, 46, 48, 71, 97, 113, 122, 123, 195, 198, 199, 200
pedagogos 156, 227, 228
peleiras trans 83, 85, 92, 94, 95, 96, 97, 102, 103
piano 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 215, 228
Pós-graduação 242
prática 12, 13, 14, 18, 25, 50, 54, 56, 68, 69, 71, 92, 98, 99, 111, 112, 113, 115, 117, 120, 126, 127, 129, 152, 153, 157, 158, 185, 196, 198, 199, 200, 201
práticas pedagógicas 26, 52, 89, 133, 153, 195, 196, 198
práxis 124, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 196
pré-escolas 62, 157, 227, 228, 233, 235, 236

prelúdio 194

prevenção 98, 134, 135, 137, 138, 140, 142, 144, 145, 146, 147, 190

processo 12, 13, 14, 18, 21, 22, 23, 25, 26, 28, 32, 35, 36, 38, 43, 45, 46, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 59, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 84, 85, 88, 91, 95, 96, 97, 98, 101, 102, 103, 104, 105, 109, 110, 113, 114, 118, 119, 120, 121, 128, 129, 130, 132, 137, 142, 144, 148, 150, 151, 152, 153, 157, 158, 159, 163, 164, 166, 167, 169, 170, 173, 174, 175, 178, 183, 184, 185, 186, 188, 189, 191, 198, 199, 200, 201

produção 18, 19, 24, 29, 33, 34, 37, 44, 53, 55, 64, 86, 112, 122, 152

professor dinamizador 154, 155, 156, 157, 159

professores 13, 14, 20, 21, 48, 55, 56, 61, 96, 97, 98, 100, 106, 108, 109, 110, 129, 137, 144, 145, 152, 157, 159, 160, 166, 167, 174, 176, 177, 184, 185, 189, 191, 193, 197, 200, 201

psicopedagogia 83, 84, 85, 98, 103, 105, 106

pública 32, 52, 55, 60, 62, 87, 103, 110, 136, 145, 156, 160

Q

qualidade 13, 31, 47, 53, 56, 60, 61, 62, 68, 89, 128, 130, 159, 163, 164, 167, 169, 175, 176, 184, 192

R

racismo 17, 54

reflexão 18, 25, 49, 51, 56, 64, 65, 86, 88, 91, 100, 103, 106, 113, 114, 118, 120, 122, 123, 126, 129, 131, 137, 145, 150, 160, 195, 196

ressignificação 50, 158, 159

riscos 129, 137, 138, 171, 182, 188, 189, 190, 192

S

sala de aula 13, 14, 18, 20, 21, 25, 52, 54, 96, 97, 104, 111, 112, 114, 115, 118, 120, 122, 123, 152, 158, 174, 185, 191, 192, 193

sanitário 125, 126, 131

saúde 62, 68, 78, 83, 105, 135, 136, 137, 138, 143, 144, 145, 146, 180

senso 93, 112, 113, 120, 128, 130, 170, 196

senso-crítico 112

sexualidade 19, 21, 25, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 104, 135, 137, 138, 139, 143, 145

Síndrome de Down 163, 164, 166, 167

sociais 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 25, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 38, 39, 40, 43, 47, 48, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 60, 62, 63, 64, 67, 68, 70, 71, 77, 78, 81, 88, 89, 90, 91, 93, 95, 97, 98, 103, 113, 116, 118, 122, 126, 127, 129, 130, 143, 146, 150, 151, 152, 153, 163, 164, 166, 169, 171, 178, 180, 182, 184, 186, 192, 197, 198

sociedade 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 38, 39, 43, 44, 47, 51, 52, 54, 55, 56, 60, 61, 63, 64, 65, 67, 68, 70, 71, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 118, 120, 123, 127, 130, 131, 137, 149, 150, 151, 157, 164, 167, 196, 198, 200

sociocultural 18, 50, 78, 137, 184

sociomoraís 28, 29, 35, 38, 39

surdez 168, 177

T

tecnologia 51, 77, 114, 129, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 189, 190, 192

tecnologias 14, 75, 77, 109, 114, 144, 181, 182, 183, 184, 186, 189, 192, 193, 196

trabalho 16, 20, 25, 29, 30, 32, 33, 34, 47, 50, 54, 56, 60, 61, 64, 67, 68, 69, 70, 77, 78, 81, 90, 91, 93, 96, 98, 99, 100, 103, 104, 110, 113, 118, 119, 121, 125, 126, 131, 132, 137, 143, 144, 150, 164, 166, 172, 176, 179, 182, 183, 195, 196, 199, 200, 201, 241

transexualidade 18, 20, 84, 86, 89, 90, 92, 94, 95, 103

transfobia 85, 88, 90, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 105

U

Universidade 242

V

valores 13, 15, 16, 21, 22, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 54, 60, 62, 64, 65, 66, 69, 76, 77, 78, 80, 89, 118, 121, 122, 123, 126, 129, 131, 151, 198

valor moral 28, 31

virtude 28, 29, 30, 31

visualização 73, 74, 75, 76, 80, 81, 84, 137

visuoespacial 73, 74, 75, 80, 81, 84

Vivência 227

vulnerabilidade 96, 100, 137

